



## **A Sociedade das Crianças A'uwe – Xavante: revisitando um estudo antropológico sobre a infância<sup>1</sup>**

**Angela Nunes<sup>2</sup>**

### **RESUMO:**

O objetivo deste artigo é dar a conhecer as crianças A'uwe-Xavante (Brasil). Através delas entramos no amplo e complexo universo de relações sociais deste povo indígena e passamos a conhecê-lo melhor. Percorremos os meandros de uma sociedade que possui regras próprias de articulação com expectativas, limites, compromissos e condicionamentos que a envolvem, e que evidencia concepções e soluções particulares para os desafios individuais e coletivos que se colocam no correr do tempo. A pesquisa decorre entre 1991 e 1996, quando o movimento acadêmico europeu/norte-americano que propõe uma Antropologia da Infância e toma forma na década de 90, ainda não era conhecido no âmbito da Antropologia no Brasil, nem havia acesso à bibliografia por este produzida. A interlocução teórica dá-se no campo da Etnologia Indígena, e alude à potencialidade dos estudos antropológicos sobre as crianças e a infância, na época, ainda por explorar neste país.

**Palavras-Chave:** Criança, Infância, Antropologia, Etnologia, A'uwe-Xavante

## **A'uwe-Xavante Children's Society: revisiting an anthropological study on childhood**

### **ABSTRACT:**

This article aims to introduce the A'uwe-Xavante children (Brazil). Through them we enter the vast and complex universe of social relations of this Brazilian indigenous people and get to know them better. We go through the meanders of a society that has its own rules of dealing with expectations, boundaries, constraints and compromises that involve highlighting particular concepts and solutions for individual and collective challenges arising over time. This research developed between 1991 and 1996, in a period when the European/North American academic movement proposing a anthropology of children and childhood, was not yet known within Brazilian Anthropology, nor the bibliographic production was available for reference. The theoretical dialogue takes place within the field of Indigenous Ethnology studies and alludes to the potential of anthropological studies on children and childhood, still unexplored in this country at that time.

**Key-words:** Children, Childhood, Anthropology, Ethnology, A'uwe-Xavante

---

<sup>1</sup> Versão reduzida de um capítulo da dissertação de Mestrado *A Sociedade das Crianças Auwe-Xavante: por uma antropologia da criança*, Dept. de Antropologia/USP, Brasil, 1997, sob orientação de Aracy Lopes da Silva. Publicado em 1999 pelo Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação, Portugal. Ver desenvolvimento desta investigação em NUNES 2003.

<sup>2</sup> CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia, FCSH/UNL, Lisboa, Portugal, angelanns@gmail.com



## Introdução

Desde 1960 que pesquisas realizadas entre os Xavante<sup>3</sup> nos mostram e analisam inúmeras facetas da vida deste povo indígena do Brasil Central<sup>4</sup>. Ao abrir mais uma perspectiva de investigação, a das crianças, procuro perceber certas peculiaridades que sobre estas não se evidenciam em outros trabalhos, nomeadamente, sutilezas nos relacionamentos familiares e societários, manifestação de emoções e sentimentos, e mistérios da construção e veiculação dos saberes. Sair do universo de referências próprio da vida dos adultos, de onde emerge a grande maioria dos temas já trabalhados, e direcionar a pesquisa para as crianças e assuntos que lhes são intrínsecos, como as brincadeiras ou a permissividade de sua circulação pela aldeia, permite revelar aspectos até agora raramente considerados ou apenas julgados irrelevantes no contexto das preocupações teóricas da Antropologia. Para além de fornecer uma contribuição inédita ao crescente conhecimento sobre esta sociedade como um todo, a perspectiva aqui proposta permite, sobretudo, que se conheçam as suas crianças. Com uma pirâmide etária de base larguíssima, tal como muitas outras sociedades indígenas no Brasil, os Xavante demonstram gostar de ter crianças e nutrem por elas um carinho que supera os laços maternos e paternos, correspondendo também a necessidades econômicas do grupo doméstico e à garantia da reciprocidade que se estabelece através do casamento dos filhos e filhas. Preocupam-se, ainda, com a política demográfica dos povos indígenas em geral. O crescimento demográfico é positivo e traz vantagens, porém, é mais uma dificuldade no processo de adaptação à vida sedentária e aos novos modos de produção e de subsistência do grupo<sup>5</sup>, verificando-se um aumento expressivo dos índices de morbi-mortalidade infantil.

Os Xavante têm uma organização social baseada em metades exogâmicas, atravessada por um sistema de classes (*age-sets*) e de categorias de idade (*age-grades*) que para MAYBURY-LEWIS (1984) e LOPES DA SILVA (1986)<sup>6</sup> constituem peças fundamentais na sua estrutura social, através das quais todo o esquema societário se manifesta e se põe em

---

<sup>3</sup> Os A'uwe-Xavante estão localizados no Mato Grosso, pertencem à família linguística Jê, tronco Macro-Jê. Atualmente, são estimados em 13.000 indivíduos, distribuídos por 9 Terras Indígenas e cerca de 165 aldeias (<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1159>).

<sup>4</sup> Referências mais importantes: MAYBURY-LEWIS 1984; LOPES DA SILVA 1986, 1992; GRAHAM 1995; MÜLLER 1976.

<sup>5</sup> Ver LOPES DA SILVA (1992), FLOWERS (1983) e GRAHAM (1995) sobre o percurso histórico dos Xavante.

<sup>6</sup> Ver NUNES 1997 e 2003 sobre as categorias de idade Xavante, com incidência nas que correspondem à infância, a partir da avaliação dos trabalhos de Maybury-Lewis, Lopes da Silva e da sua própria etnografia.

movimento. Não têm uma categoria de idade genérica equivalente a ‘criança’. Para saber como classificam socialmente as suas crianças e identificam o que parece corresponder à fase etária que entre nós equivale à infância, é preciso recorrer às suas categorias de idade, diferentes para cada um dos gêneros e não quantificadas em anos. Os indivíduos Xavante, incluídas as crianças, podem não saber quantos anos têm mas todos sabem a que categoria de idade pertencem<sup>7</sup>.

A primeira dessas categorias, comum a ambos os gêneros, é *aiuté*. Designa os bebês recém-nascidos e os de colo. A autonomia de deslocação, a capacidade de comunicação e o fim da amamentação são fatores que determinam o tempo-limite desta categoria. A partir de *aiuté*, as categorias de idade passam a ser diferenciadas para meninos e meninas. No que refere aos primeiros, a categoria seguinte é *watebreimi* (2-3 até 9-10 anos). Segue-se a categoria *airepudu* (9-12 anos), abrangendo aqueles que, embora já sob observação dos homens mais velhos quanto a transformações biológicas da puberdade, ainda podem brincar com as meninas ou acompanhá-las em atividades domésticas. Começam, porém, a ser chamados para tarefas junto aos homens: participam em pescarias, permanecem em sua companhia na mata, à noite, e iniciam comportamentos de evitação social. Assim, as categorias de idade masculinas – *aiuté*, *watebreimi* e *airepudu* – compõem o que os Xavante consideram como o período da infância dos meninos, ou pelo menos é assim que tentam traduzi-lo para a nossa língua e segundo as categorias usadas por nós. A categoria de idade que os identifica como iniciando a vida adulta é *wapté* e a passagem para esta categoria é abrupta, tendo os meninos de deixar a sua casa e passar a morar em grupo, numa casa construída especificamente para esse fim (*hö*)<sup>8</sup>.

No ciclo vital feminino, depois da categoria de idade *aiuté* surge a *ba’õno*, que abrange as meninas até os seus seios começarem a se desenvolver. Há uma subcategoria *ba’õtõre* (diminutivo de *ba’õno*), que vai até aos quatro ou cinco anos. Quando o corpo começa a evidenciar as transformações biológicas da puberdade, entre os dez e os doze

<sup>7</sup> Embora já existam registros de nascimento com a indicação do ano ainda são as categorias e as classes de idade que situam as várias posições cronológicas e etárias.

<sup>8</sup> Os *wapté* permanecem quatro ou cinco anos isolados do contato com os seus grupos domésticos e restante comunidade, excepto com seus pais, homens mais velhos e os *danhohui’wa*, responsáveis formais pela sua iniciação à vida adulta.

anos, passa à categoria *adzarudu*<sup>9</sup>. A passagem de *ba'õno* a *adzarudu* parece corresponder, portanto, ao limite do período da infância para as meninas, em termos da estrutura social. No que refere à prática cotidiana, as *ba'õno* mais velhas e as *adzarudu* mais novas fazem sensivelmente as mesmas coisas: acompanham as suas mães nas tarefas da roça, casa e rio, cuidam dos irmãos menores e brincam com as outras crianças. O peso das obrigações e responsabilidades domésticas tende a aumentar para as *adzarudu* à medida que crescem. Por uma necessidade relacionada ao desempenho do seu papel feminino, pode ocorrer a passagem à categoria de idade seguinte mesmo antes da puberdade. Isto não as isola das *ba'õno*, nem dos *watebremi* e *airepudu*, mas deixa-lhes menos tempo livre, uma vez que passam a acompanhar mais constantemente as outras *adzarudu* um pouco mais velhas, as *adabá* e as *pi'õ* (mulheres jovens e maduras) de seu grupo doméstico. Note-se que, para além da categoria *aiuté* (bebês de ambos os gêneros) não existem outras categorias de idade genéricas que designem do mesmo modo as meninas e os meninos Xavante. Assim, o início da diferenciação entre *watebremi* e *ba'õno*, categorias subsequentes à *aiuté*, já indica o início de uma grande clivagem entre os gêneros e de atribuições específicas para um e para outro. Evidenciando-se sobretudo na vida adulta, essa clivagem já está em processo desde os primeiros anos de vida. Apesar da manifestação destas diferenciações, meninos e meninas vivem uma infinidade de situações em comum. Neste texto, quando utilizar a categoria 'criança' estarei me referindo a meninos e meninas abrangidos por esse tipo de situações e pelas categorias de idade descritas. Quando for necessário fazer a distinção entre os gêneros utilizarei 'menino' e 'menina'.

Os pequenos ciclos que compõem o período da infância Xavante carecem de etnografia mais detalhada. O significativo volume de informações presentes nos trabalhos de LOPES DA SILVA (1986 e em audiovisual produzido pela Comissão Pró-Índio de São Paulo, no início dos anos 80) e os dados que coletei em campo indicam potencialidades de uma vertente de investigação que deve ser aprofundada e ampliada, nomeadamente no que concerne à dinâmica da construção e transmissão de conhecimento, educação escolar, processo de conscientização e vivência da clivagem entre os gêneros, transformação das relações interpessoais face ao contato, acomodação de novos valores e descoberta de novos

---

<sup>9</sup> As etapas do ciclo de vida da mulher Xavante são marcadas por mudanças menos abruptas, embora vinculadas à formação das categorias e classes de idade. Na passagem para a adolescência, as meninas não formam um grupo que vai morar isolado e residem sempre no grupo doméstico onde nasceram.

sentimentos. Estas informações e reflexões podem contribuir igualmente para o enriquecimento dos estudos sobre a ‘criança’, independentemente da sociedade à qual pertence, e, por extensão, sobre a Humanidade, seja qual for a área de investigação e/ou de atuação dos pesquisadores.

### **O encontro com as crianças Xavante de Namunkurá**

A primeira viagem a campo é sempre revestida de enorme expectativa, nervosismo, apreensão e uma infinita curiosidade. Após as costumeiras negociações com alguns Xavante em Barra do Garças para acesso à área, eis-nos partilhando o exíguo espaço de uma Toyota com mais treze pessoas, sacos de arroz e feijão, cestas com pertences pessoais, um cachorro, as caixas com os nossos mantimentos e os presentes<sup>10</sup>. Em toda a volta, a perder-se de vista, o cerrado. O topo de alguns telhados de palha de buriti e dois ou três rolos de fumaça indicam a proximidade da aldeia. Subitamente, estamos lá. A estrada desemboca numa praça enorme, com mais de duas dezenas de casas, em semi-círculo quase fechado, marcando o limite entre a clareira e a mata. Ao centro, a sombra de um aglomerado de mangueiras abriga crianças, mulheres e homens que assistem a um jogo de vôlei. Algumas pessoas encaminham-se para a Toyota, ao encontro de parentes, para ajudar a retirar a carga e ver mais de perto a novidade: nós e a nossa bagagem! Além de Boaventura Tserewamariwe Tserewa’wa, anfitrião das minhas estadias em Namumkurá e um dos professores da aldeia, apenas quatro ou cinco homens mais velhos nos dão as boas vindas com um aperto de mão. Os outros Xavante que nos rodeiam mantêm-se a poucos passos de distância, trocando breves palavras entre si, em A’uwe. Dissimuladamente, um ou outro vinha tocar nas mochilas. As crianças também acorrem em grande número à chegada da Toyota. Algumas meninas maiores trazem bebês apoiados nos quadris. Embora com alguma timidez, as crianças ousam ficar mais perto e o seu olhar curioso é mais direto que o dos adultos. A grande maioria tem a barriga enorme, contrastando com pernas e braços bem magros, secreção escorrendo do nariz. Muitas têm feridas no corpo, com maior incidência no couro cabeludo. Não me parecem muito saudáveis.

---

<sup>10</sup> Tendo projetos distintos, a primeira viagem aos Xavante foi feita com Eduardo Carrara, colega de graduação (Julho 1991).

Ao sermos conduzidos pelo professor Xavante ao alojamento na escola, única construção de alvenaria, apenas mais dois ou três adultos nos acompanham. Os outros vão dispersando. As crianças, lado a lado conosco, numa algazarra de palavras entre as quais identifico *waradzu* (branco), não desistem. É a muito custo que Boaventura consegue que saiam do compartimento e, mesmo assim, amontoam-se à porta e à janela. Depois vão em bando atrás de nós até ao rio, atentas a cada passo, gesto, palavra, objeto. Vencendo a timidez, pedem biscoitos e arriscam uma ou outra palavra em português. Já de noite, quando Boaventura nos recomenda repouso, ainda há muitas crianças por ali em busca de qualquer oportunidade para se aproximar, mexer ou pedir alguma coisa e, mais do que tudo, para ficar olhando. Lá fora, à distância e protegidos pelo escuro, alguns adultos também nos observam.

Nos dias que se seguem as crianças vão ganhando intimidade, se acostumando comigo, com meu objetos e meus gostos, e até com o meu cabelo enrolado, que teimam em esticar quando fica molhado pela água do rio, fazendo com este uma franja igual à que usam. Muito embora aos poucos voltem ao ritmo do seu dia a dia com as outras crianças, parentes, na sua casa, na comunidade, nunca deixo de ser uma curiosidade, de ser observada meticulosamente. Mesmo que para ir ao rio buscar água tenham de fazer um desvio enorme, só para saber o que eu estou fazendo do outro lado da aldeia, não deixam de cumprir a tarefa que lhes é confiada, nem se privam de ir atrás de outras coisas, pessoas ou acontecimentos que despertem o seu interesse. A presença das crianças, com o seu olhar arguto, com uma irresistível vontade de tocar e cheirar aquilo que lhes é mais estranho, expressando enorme curiosidade, torna-se uma constante. Esta atitude é a mesma da manifestada com os outros e nas mais variadas circunstâncias da vida comunitária: quando um grupo de mulheres torra farinha, um caçador volta à aldeia, os *wapté* saem para dançar, alguém briga, os homens discursam a partir do *warã* (centro da aldeia), um velho prepara as penas de um adorno, outras crianças brincam de alguma coisa, e até mesmo quando um bebê chora. A diferença é que eu sou de fora e condenso mais novidades.

As crianças andam quase sempre com outras crianças, maiores ou menores, observam e partilham entre si habilidades, invenções, conflitos, descobertas, medos, modos de perceber, sentir e reagir aos outros. Olhar tudo e todos, ouvir todas as conversas, ir a todos os lugares, são privilégios das crianças e elas os usam com toda a propriedade. São os modos mais eficientes para participar da vida da aldeia e ficar por dentro de tudo o que

acontece. É uma prática que, para as crianças, quase não tem restrições e que lhes permite seguir atenta e abertamente o que os adultos fazem ou dizem, gerando um tipo de relacionamento com estes que difere do que os adultos estabelecem entre si. Pode parecer que às crianças não são impostos limites. Mas estes estão lá, e as crianças aprendem a identificá-los abordando-os e vivenciando-os pública e privadamente, pessoal e comunitariamente, obtendo assim um conhecimento pleno da sociedade onde estão vivendo e dos indivíduos com os quais estão interagindo. Ficam a conhecer as regras que garantem a existência peculiar de vários tipos de relação entre as pessoas daquela sociedade, as concepções que as embasam e que permitem interpretar o mundo. Ficam, ainda, a conhecer temperamentos, manias, capacidades, dificuldades e vontades de cada uma delas e a forma individual de as expressarem. É esta aparente desordem ou falta de ordem, ou antes, uma ordem vivida de um outro modo, que lhes permite a incorporação das regras sociais que deverão rigorosamente observar em etapas de idade posteriores.

### **Estar presente e olhar**

Um dos aspectos potencialmente mais ricos para nos iniciarmos ao peculiar universo da criança Xavante é a sua presença ou, diria mesmo, onipresença na aldeia: como a manifestam ou dissimulam, como exploram a complacência e a tolerância com que os adultos a aceitam, e os inúmeros mecanismos de socialização e aprendizado que através desta são ativados e desenvolvidos. Concomitantemente à presença está o olhar, a vivência dos espaços, e a permissividade e liberdade com que são vividos.

Os pais pedem às crianças que me acompanhem, vejam e saibam tudo a meu respeito, e que voltem para lhes contar: o que eu tenho, o que cozinho, como faço isto ou aquilo, quem me visita e com quem converso, quem me leva mandioca e quem me pede sabão, se ajudo no posto de saúde, onde fui e onde estou, se a minha rede se soltou e eu caí, se consigo ou não me equilibrar sobre o tronco que atravessa o rio, se tenho medo dos morcegos, etc... Este tipo de informação é obtido de vários modos. Tanto podem tentar se comunicar comigo, como podem entrar no meu alojamento sem dizer nada e sentar-se a olhar, ignorando-me por completo, até decidirem sair. Por vezes, oferecem-se para ajudar em pequenas tarefas: lavar as minhas panelas, pratos, talheres, que demoram a cheirar, manusear, estudando sua forma, peso e consistência. Se estão em grupo chegam mesmo a

disputar peça por peça. Ajudam-me a trazer água do rio ou seguram os meus chinelos enquanto me banho. Quando vou queimar o lixo sempre aparecem crianças que o pedem. Fico relutante mas acabo cedendo, curiosa sobre o que farão. Elas afastam-se um pouco para abri-lo e fazem uma rigorosa análise do conteúdo: separam tudo, observam as diferentes texturas e espessuras das embalagens, sua transparência ou brilho, cheiram e experimentam o gosto de vestígios de comida, mostram uns aos outros e comentam entre si, guardam o que lhes interessa e depois pedem-me fósforos para o queimarem. Todas estas situações constituem fontes de informação sobre mim para toda a comunidade. Porém, as crianças também me acompanham porque elas mesmas querem e há muitos episódios sobre os quais não falam em suas casas. É o caso das nossas prolongadas conversas de palavra a palavra, entremeadas por pacientes e silenciosas procuras no dicionário<sup>11</sup>, sendo que à descoberta de cada palavra há uma unânime manifestação de contentamento, coroada por um *ihê* (sim) coletivo. É também o caso de biscoitos que resolvo distribuir subitamente, sem que tenha sido pedido ou esperado e que se consomem de imediato, em cumplicidade. É, ainda, o caso de comportamentos considerados menos certos, tal como levar lápis de cor e de cera às escondidas. Isto indica que para além de as crianças serem utilizadas como testas de ferro de uma curiosidade que é comunitária e da necessidade de troca de informações que atinge a todos por igual, para além da sua própria curiosidade pelo que é diferente, elas estabelecem laços pessoais que refletem traços de suas personalidades, sensibilidades, sentimentos, preferências, enfim, dimensões individuais, porém universais, que não submergem à força do coletivo que as envolve. Os adultos também vivem a sua individualidade, porém, na vida adulta Xavante é a dimensão coletiva que se exalta. O período da infância surge, portanto, como a etapa em que a individualidade da pessoa Xavante se manifesta, se constrói e se dá a conhecer com toda a liberdade, a si e aos outros.

As crianças também se tornam diversa e criativamente presentes em situações em que estou com adultos Xavante. Ao ser convidada por um adulto para sentar na frente da sua casa e conversar, sinto as palhas que formam a parede da casa se afastarem ligeiramente e uma vizinha de criança chamar. Respondo-lhe, mas como estou conversando com o seu pai, não dou muita atenção aos seus vários chamados. Então, de dentro da casa,

---

<sup>11</sup> Dicionário A'uwe-Xavante – Português, policopiado, organizado pelos padres salesianos instalados naquela região desde os anos 1960.



ela começa a cantar em A'uwe, primeiro baixinho e depois a plenos pulmões, estridentemente, capaz de se fazer escutar na aldeia toda. O pai Xavante continua a conversa como se nada estivesse acontecendo e apenas sorri a cada tomada de fôlego que a menina dá, 'escondida' pela palha de buriti. Do mesmo jeito que não se manda uma criança embora quando ela se aproxima de alguém ou de um grupo, parece que também não a obrigam a calar, quando esta é a forma que encontra para marcar a sua presença. Note-se, cantar em voz alta de dentro das casas é um comportamento que pode ser observado entre os Xavante, quer para fixar, pela repetição, um canto recebido em sonho e que é preciso transmitir aos outros, quer para tornar públicas manifestações emocionais privadas, tal como o choro ritual pela perda de um parente.

Há ocasiões em que as crianças permanecem tão quietas e silenciosas no escuro fundo da sua casa, ou dentro da divisória que delimita o quarto dos pais, que julgo não haver mais ninguém naquele espaço. Os adultos raramente denunciam a sua presença, embora estejam cientes desta. Quando os meus olhos se acostumam à penumbra e percebo que as crianças estão ali, geralmente elas ficam do jeito que estão, fazendo como se ali não estivessem. Em outras ocasiões, aproximam-se tão sutilmente que demoro a dar conta de sua presença, seja perto da sua casa ou da casa de outros, na beira do rio ou a meio de qualquer caminho, esteja eu só ou com mais alguém. Vi-as, também, ocupando lugares, de onde conseguem ângulos estratégicos de observação sobre a aldeia, rio, caminhos que vão para a roça, ou sobre lugares onde algo de excepcional está acontecendo ou prestes a acontecer. Parece-me que por vezes tentam dissimular a sua silhueta. Os adultos Xavante percebem-as com facilidade, embora não o demonstrem. Esta sutileza na aproximação ou no modo de se tornar presente, é um comportamento observado em outras pequenas sociedades. GREGOR (1977) que refere a atitudes semelhantes entre os índios Mehinaku, como mecanismo societário próprio à garantia de privacidade. Pode-se estar com outras pessoas num dado lugar e, ainda assim, não estar com elas, ou vice-versa. Para este autor, a questão da privacidade obedece a regras de domínio público, conhecidas e praticadas por todos. Há, porém, todo um esquema de 'bastidores', ou seja, não visível publicamente, que se sustenta por ser igualmente conhecido e praticado por todos, ainda que não confessadamente.

No caso dos Xavante, agir sutilmente é o verso e reverso de um mesmo modo de agir comunitário: garante-se a própria privacidade de movimentos e ações, e é possível saber a

respeito do que é privado na vida dos outros, sem que aconteça uma invasão formal dessa privacidade. A privacidade é significativamente menos invadida se quem o fizer forem as crianças, numa rotatividade que iguala a todos, e porque ser criança é diferente de ser adulto, dizem. A criança pode escutar, olhar, porque “criança não tem maldade”. Esclarecem que os adultos não querem o mal de seus parentes, mas têm “ambição”, enquanto a “criança ainda está limpa”. No fundo, todos estão submetidos ao mesmo e as crianças, fazendo justiça à sua facilidade de movimentos, cedo começam a explorar as potencialidades dessa prática, exercitando-a nas mais variadas circunstâncias. Afinal, saber chegar a qualquer lugar ou perto de alguém sem ser percebido pode ser útil para não incomodar os mais velhos num momento ritual, em sinal de respeito; serve para não interromper uma conversa que se quer escutar; permite que se observe sem constranger aquele que é observado; é fundamental para garantir a liberdade de ir, vir e estar em qualquer lugar; ajuda nas caçadas no mato; e é um dos melhores recursos para se apoderar de informações sobre o que os outros dizem ou fazem, inclusive sobre o que não deveriam dizer nem fazer... Mas se é verdade que as crianças captam indícios mais ou menos evidentes destes comportamentos em seus pais e em outros parentes, e os incorporam em seu dia a dia pela aldeia, o modo como agem não espelha a forma de agir dos adultos. Em muitas circunstâncias, agem exatamente de um modo que é vedado aos adultos. Isto vem contrariar e complexificar a idéia corrente de que o mundo infantil é o mundo adulto em miniatura. A esfera de permissividade no acesso aos lugares e aos acontecimentos, por parte das crianças, supera os limites comunitários impostos aos adultos, sem contudo os anular. Ao mesmo tempo, é este o seu modo de os identificar, conhecer e aprender a lidar com eles. Para o adulto que quer escutar uma conversa alheia fica mal se aproximar, e para os que conversam, fica mal esconder a conversa; todos querem saber o que vem dentro da cesta do pescador mas não o expressam em voz alta e ele, por sua vez, não se pode furtar a revelá-lo, embora deseje não ter de o fazer. A criança fica, deste modo, com a tarefa de estabelecer esta sutil ponte de satisfação de curiosidades sem que se gerem conflitos e sem que os adultos envolvidos se sintam desconfortáveis. Grande parte da informação que circula pela comunidade é, portanto, captada e veiculada através do olhar das crianças, da capacidade que cada uma delas tem para compreender e interpretar os fatos que observam, de sua habilidade para os relatar, transformar, reinventar, ou até mesmo omitir. A curiosidade e o interesse das crianças e dos adultos em relação a algo ou alguém, diferem entre si, embora

possam ter pontos em comum. Difere também a leitura que uns e outros fazem do que observam. Ou seja, é possível pedir a uma criança que faça algo que seu pai não pode fazer, por não ser esse um comportamento julgado correto ou adequado para um adulto, segundo os padrões do grupo. A criança pode fazê-lo, mas o fará de modo diferente do adulto. E as conseqüências desse ato serão outras. Daí não se poder considerar o fazer da criança como mera extensão do fazer do adulto.

Para os adultos Xavante, a necessidade de estar por dentro de tudo o que se passa na aldeia tem uma relação direta com a vivência comunitária, quer seja por motivos de solidariedade, controle social, curiosidade ou por não ter mais o que fazer naquele instante. É importante estar informado para poder ter opinião, tomar parte nas decisões, se proteger, manter laços de reciprocidade, defender interesses ou satisfazer desejos, saber agir e se posicionar quando ocorrem disputas e conflitos entre facções, garantir a continuidade de tradições e instituições, absorver mudanças, enfim, para assegurar e acompanhar a dinâmica social do grupo. Quanto menor é a comunidade, mais isto é intensamente vivido, uma vez que o que concerne a cada grupo doméstico tem ramificações comunitárias que o transcendem. Há que se ter em conta, ainda, o momento histórico que a comunidade está vivendo. O vai-e-vem de homens jovens para a cidade de Barra do Garças e as viagens de lideranças políticas às outras comunidades Xavante e a Brasília, deixam a aldeia efervescente de novidades que precisam de circular e que atraem o interesse geral. Mas, enquanto algumas são totalmente públicas e veiculadas em voz alta na praça da aldeia, outras são privadas. E há ainda as novidades que se escondem a todo o custo e que dão trabalho para descobrir, tais como relações extraconjugais ou o roubo de alguma coisa, comportamentos que são criticados e dos quais os indivíduos se envergonham. Estas novidades acabam por se saber mas não se divulga que se sabe<sup>12</sup>. Esta constante troca de informações, onde as crianças são convocadas a desempenhar o importante papel de investigadoras e mensageiras, fornece-lhes um amplo conhecimento sobre o momento que a sociedade vive. Funciona, ainda, como eficiente processo de socialização, permitindo às crianças o acesso direto a toda a teia de relações societárias e aos espaços onde esta se concretiza. Enquanto os adultos precisam de estar suficientemente informados para poder manter a dinâmica dessa teia, as crianças precisam de saber quais os mecanismos básicos que a fazem

---

<sup>12</sup> A rede 'clandestina' de troca de informações, comumente chamada 'fofoca', é comentada por NOVAES (1986:142) ao se referir ao cotidiano Bororo, considerando-a como um "processo culturalmente determinado".

funcionar, o que a alimenta, o que a ameaça, o que a transforma, o que a mantém viva e atuante.

O período que corresponde à infância é peculiar na infinidade e intensidade de aprendizados que proporciona em poucos anos, ocorrendo uma série de conquistas e desafios que não mais fazem parte do aprendizado do indivíduo uma vez tornado adulto. Nos planos mental e emocional também há experiências e descobertas que acontecem apenas no decorrer dos primeiros anos de vida. O que mais me tem interessado é observar e analisar o modo como as crianças Xavante fazem uma série de coisas, até que ponto as fazem assim porque são Xavante, ou em que medida as fazem assim porque são crianças, identificando fronteiras e áreas comuns entre a realidade sociocultural específica que vivenciam e a universalidade da infância.

### **Desafios de um universo de referências**

A curiosidade e a vontade de saber movem crianças do mundo inteiro. A criança Xavante também vivencia esse processo, e vai exercitá-lo e dar-lhe sentido dentro de um conjunto de referências que é dado pelo universo sociocultural específico onde está inserida: a língua, os cantos, as danças, os objetos, as condições ambientais, os sentimentos e as relações entre as pessoas. Neste conjunto de referências, podemos incluir as várias formas de manifestação ou de dissimulação da presença de uns no dia a dia dos outros, tal como atrás referido, e os inúmeros desdobramentos que advêm desses comportamentos. A liberdade que as crianças experimentam na sua movimentação pela aldeia não é totalmente isenta de regras. É vivenciando os limites que as crianças acabam por conhecer as forças e as concepções societárias que fazem com que os indivíduos Xavante ajam de um modo e não de outro. A desobediência e o conflito fazem parte da exploração desses limites, das manifestações de autoridade, da imposição de certas regras, segundo a referência dada pela própria sociedade. Por exemplo, estando eu numa casa, vi crianças de outras casas entrando sutilmente, porém sem ser às escondidas, logo após um indivíduo residente nessa mesma casa voltar da roça, da caça ou da pesca. Elas ficam ali até que a cesta que ele traz seja aberta e despejada. Algumas ficam perto da porta, outras entram um pouco mais, outras ficam coladas à cesta. Na medida em que os dias vão passando e eu identifico os rostos com mais facilidade, sobretudo após o levantamento das genealogias, verifico que o

maior ou menor avanço das crianças no interior de casas de outros grupos domésticos tem relação direta com o menor ou maior grau de evitação que deve ser observado entre seus pais e os adultos desse outro grupo doméstico.

É do interior das casas com as quais tenho maior proximidade que observo a entrada e permanência de crianças de outros grupos domésticos. As visitas mais freqüentes são as dos filhos e filhas dos homens que pertenciam àquele grupo e que, por exigência da prática uxorilocal, residem agora no da esposa. Isto também vale para os filhos e filhas de mulheres que por algum motivo morem fora da casa de seus pais. Estas crianças, que moram na casa dos avós maternos e aos quais chamam *i'rada*, estão indo a casa de seus avós paternos, aos quais também chamam *i'rada*, e aí têm entrada livre<sup>13</sup>. Por parte dos avós paternos recebem um tratamento igual aos outros netos e netas que ali residem. As visitas têm um caráter afetivo ou de prestação de serviços a adultos que não se podem deslocar pessoalmente. A diferença mais significativa em relação aos filhos e filhas de suas tias é o acesso que estas crianças têm ao quarto destas e de seus esposos (único compartimento no interior da casa) que, embora não totalmente negado, é feito com reservas e apenas em momentos excepcionais. Convém lembrar que de acordo com a formação das patrilineagens as crianças pertencem à metade exogâmica de seu pai e que, portanto, até seu pai assumir a liderança do grupo doméstico onde casou, é a casa dos avós paternos que aloja a sua linhagem ascendente (MAYBURY-LEWIS 1984:145-148). Há crianças que são recebidas nas casas com permissividade mediana, ou seja, gerando constrangimento de parte a parte, mas sem serem contrariadas. É-lhes permitida alguma circulação dentro da casa, desde que não entrem no compartimento reservado ao casal. Quando muito, tentam espreitar através de uma abertura nas palhas da divisória, ou posicionam-se num lugar na casa que possibilite olhar pela porta de entrada desse compartimento. Esta porta, porém, está sempre colocada de modo a evitar os olhares curiosos. As crianças que assim procedem pertencem a grupos domésticos que não observam relações extremas de evitação nem de proximidade com o grupo que estão visitando.

Outra situação observada é a das meninas já prometidas em casamento, enviadas por seus pais ou mães à casa onde reside o noivo. Enquanto a menina não sabe que aquela é a casa de seu futuro esposo, ela pode lá ir sozinha. Depois que sabe, só pode ir acompanhada por sua irmã ou irmão mais velhos, ou pela mãe. O pretexto é o de pedir ou

<sup>13</sup> Entre os Xavante também são considerados *i'rada* os irmãos e irmãs dos avôs e avós das crianças.

perguntar algo mas, na verdade, trata-se de uma oportunidade de aproximação entre os grupos domésticos, através de uma reciprocidade que, vinculada ao futuro, não pode se eximir desde então. A convivência que se gera entre estes através das crianças neste momento específico de seu ciclo de vida é temporária uma vez que, após o casamento destas, se transforma em relação de evitação. Mas após ficarem sabendo quais serão seus parentes por afinidade, eles devem igualmente começar a observar as tradicionais regras de evitação e respeito em relação a esses parentes. Desde o momento do noivado (MAYBURY-LEWIS 1984:127), combinado entre as famílias enquanto as crianças ainda são bebês, ambas as famílias começam a usar reciprocamente os termos de afinidade de parentesco. Quando as crianças percebem isto perguntam à mãe ou ao pai a respeito de seu noivo ou noiva e, obtendo a confirmação, começam também a usar termos de afinidade. A convivência entre afins durante a infância dos noivos permite acompanhar mais de perto o crescimento dos futuros genros ou noras, incluindo-se aqui o controle sobre a manutenção de tradições e costumes Xavante. Se soubessem do arranjo de casamento as crianças sentir-se-iam inibidas. Assim, aos poucos, vão se acostumando com as pessoas desse outro grupo doméstico, tornando-se instrumentos chave deste contato entre ambos os grupos. Quando o noivado é revelado e diferentes comportamentos começam a ser esperados, estamos perante mais uma situação em que as crianças tomam consciência da clivagem entre os gêneros<sup>14</sup>.

O contato com os adultos das casas onde entro menos acontece na área frontal externa ou em locais mais públicos. A frente das casas, considerada como área privada pertencente a cada um dos grupos domésticos, está acessível a todos. Os adultos que passam têm, contudo, certas reservas ao olhar para as pessoas que estão na frente da casa ou para o que estão fazendo, cumprimentos diferem e a velocidade com que passam é variável. As crianças circulam à vontade. Aliás, a frente das casas é o local ideal para os ensinamentos informais, onde habilidades e capacidades individuais são expostas. É onde torram farinha, trançam cestos e esteiras, fazem colares e outros ornamentos, quebram coquinhos, preparam urucum, ralam milho ou mandioca, apontam flechas e esticam a corda dos arcos... e tudo isto as crianças olham com ávido interesse, vivendo fundamentais momentos de aprendizado sobre o modo Xavante de fazer determinadas coisas. O contato é difícil com alguns grupos domésticos e resume-se a breves cumprimentos. De notar que os

---

<sup>14</sup> GRAHAM (1995:69-73) mostra como as crianças de todas as casas se acostumam a conviver com o tabu da fala, que só os meninos deverão observar quando chegar a sua vez.

jovens genros dessas casas vêm conversar comigo, referindo-se ao pai e à sua ligação a uma casa da metade oposta, remetendo ao forte facciosismo Xavante. A dicotomia ‘nós/outros’ é vivida intensamente por todos. Sendo Boaventura o meu anfitrião na aldeia, eu sou identificada como pertencendo ao seu ‘lado’, tanto em termos de filiação clânica e a metade exogâmica quanto em termos políticos, e isto pode desencadear reações diversas, inclusive a de me evitarem. Talvez esse seja um dos motivos. Assim, também demoro mais para identificar as crianças destes grupos domésticos, muito embora elas não evitem estar comigo na aldeia, rio, escola. Na única vez em que vejo uma delas entrar numa das casas do ‘meu lado’, ela fica no limiar da porta. Os adultos percebem a sua presença, não a mandam embora nem lhe dão atenção. Quando pergunto se sabem o que ela quer, respondem “ela quer só olhar”.

Olhar é um traço característico do comportamento Xavante. É um ato social importante. Estar disponível para olhar e para ser olhado, pacientemente, com respeito, são atitudes basilares do sistema Xavante de construção e transmissão de conhecimento, e fazem parte do conjunto de valores que norteiam suas formas de agir, sentir e se expressar. Cada sociedade tem códigos através do qual expressa sentimentos, preferência por cores ou sons, gestos, sentidos, modos de vestir ou cortar o cabelo, de se pintar e ornamentar, de andar ou dançar... sempre em estreita relação com o corpo e manifestando-se simbolicamente através deste. Os pesquisadores têm evidenciado a ocorrência de várias destas manifestações entre os Xavante. MAYBURY-LEWIS (1984:166) refere aos pequenos cilindros introduzidos nos lóbulos das orelhas dos rapazes durante a cerimônia de iniciação. MÜLLER (1976) analisa a pintura e a ornamentação corporais como código de comunicação visual. SEEGER (1980:54) refere à oratória, designando a ‘fala’ como uma das faculdades, ou sentidos, mais enfatizados. No caso da presente investigação, talvez por se voltar para as crianças e por tentar, a partir delas, apreender o restante, foi o ‘olhar’ que se evidenciou como principal manifestação do código social através do qual acontece o processo educativo dos indivíduos. Ter o olhar atento e manter pronta a possibilidade de participar faz parte de um processo de múltiplas faces que se sintetiza nas palavras de um Xavante: “não aprende, não ensina, a gente olha e vai sabendo”. Segundo comunicação pessoal de Lopes da Silva, era comum que ao tentar obter explicações verbais para algum ritual ou atividade lhe fosse dito “quando você vir/olhar, você vai saber/conhecer” (*atsabui wamhã, te dza iwahu’u*).

**Considerações finais: *waihu'ú***

Na língua A'uwe-Xavante, aprender e ensinar traduzem-se pela mesma palavra - *waihu'ú* - que também significa saber ou conhecer. Sinais que expressam a essência deste pensamento Xavante estão por toda a parte. Ao traduzirem *waihu'ú* para Português usam as palavras aprendo e ensino, como sendo sinônimos. O processo de preparação e amadurecimento de um indivíduo para a vida adulta na comunidade fornece exemplos de como 'saber ensinar' a ser um Xavante faz parte de 'saber aprender' a ser um Xavante, e vice-versa, reiterando o significado de *waihu'ú*. 'Aprender-ensinar-saber' ser um Xavante, porém, não se concentra apenas na etapa de iniciação e/ou na posterior, onde se adquire a tão desejada maturidade. Trata-se, sim, de um longo processo que se põe em movimento já a partir da concepção, manifestado simbolicamente através do uso dos batoques auriculares pintados de vermelho, por parte dos homens, durante o intercuro sexual. No decorrer da gravidez da mulher, há uma série de restrições e tabus que devem ser observados pelo pai da criança que vai nascer, e que têm implicações diretas com as condições favoráveis ao parto, e à saúde da esposa e do bebê<sup>15</sup>.

As monografias sobre sociedades indígenas no Brasil referem-se à infância como sendo um período de preparação do indivíduo para a vida adulta e para ser investido de função social. Há, realmente, uma preparação em curso desde os primeiros anos de vida e, de fato, uma vez adulto, o indivíduo assume uma série de funções sociais específicas. Esta parece-me ser, porém, uma visão parcial de todo o processo. A iniciação à vida adulta não inaugura a existência de funções sociais na vida do indivíduo mas, sim, abre caminho para que outras funções sociais tomem lugar e forma, funções estas que se desdobrarão em outras ainda, no decorrer de etapas futuras de crescimento e maturidade. Este trabalho pretende demonstrar que as crianças têm um papel social e/ou uma função social definidos, atuantes, e até mesmo imprescindíveis na vida do grupo doméstico e da comunidade. Captá-los tem sido possível porque, em vez de considerar as crianças como adultos em potencial, como um eterno vir a ser, eu as tenho considerado como crianças que são. Se há um processo através do qual o indivíduo se torna um Xavante, eu não posso resumir esse

---

<sup>15</sup> SEEGER ET AL (1979:11) referem a uma relação entre o modo como se fabrica, decora, transforma e destrói o corpo, e a mitologia, vida cerimonial e organização social. Sobre os Bororo, NOVAES (1986:162) explica que é durante a gravidez, quando a mãe começa a manifestar preferência por certo tipo de alimentos, que se inicia o processo de elaboração do indivíduo social.



processo à etapa em que ser um adulto Xavante se manifesta na plenitude das funções sociais e rituais que lhe competem como tal. Cada uma das etapas do ciclo de vida é vivida e cumprida com inteireza, nas dimensões e atribuições que lhe são próprias. A da infância está incluída nesse processo e, em si mesma, encerra um universo de papéis, funções, limites, possibilidades, aprendizados e descobertas que só ocorrem nesse período. Deve, por isso, ser considerada tão importante como as demais.

### Referências

FLOWERS, N. Seasonal Factors in Subsistence, Nutrition, and Child Growth in a Central Brazilian Indian Community. In: **Adaptative Responses of Native Amazonians**, Academic Press, 1983.

GRAHAM, L. **Performing Dreams: discourses of immortality among the Xavante of Central Brazil**, University of Texas Press, Austin, USA, 1995.

GREGOR, T. **Mehinaku. The Drama of Daily Life in a Brazilian Indian Village**, The University of Chicago Press, Chicago and London, 1977.

LOPES DA SILVA, A. **Nomes e Amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê**, Col. Antropologia, 6, FFLCH/USP, 1986.

LOPES DA SILVA, A. Dois Séculos e Meio de História Xavante. In: **História dos Índios do Brasil**, Carneiro da Cunha, M. (org), USP, Cia das Letras, SMC e FAPESP, 1992

MAYBURY-LEWIS, D. **A Sociedade Xavante**, Francisco Alves Ed., RJ, 1984.

MÜLLER, R.P. **A Pintura do Corpo e os Ornamentos Xavante: arte visual e comunicação social**, Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1976.

NOVAES, S.C. **Mulheres, Homens e Heróis: dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo**, Col. Antropologia 8, FFLCH/USP, 1986.

NUNES, A. **A Sociedade das Crianças A'uwe-Xavante: por uma antropologia da criança**. Dissertação de Mestrado, Depto de Antropologia, USP, 1997.

NUNES, A. **“Brincando de ser Criança”: Contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância**. Lisboa, Portugal: Departamento de Antropologia do ISCTE, Tese de Doutorado, 2003, 341 f. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/684>

SEEGER, A. **Os Índios e Nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1980.

SEEGER, A., Da MATTA, R. e VIVEIROS DE CASTRO, E. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas. In: **Boletim do Museu Nacional**, n.32, Rio de Janeiro, 1979.

**RECEBIDO EM 25 DE FEVEREIRO DE 2011.**

**APROVADO EM 30 DE MARÇO DE 2011.**